

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guidolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.**

Amilcar Guidolim Vitor
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação
Profissionalizante em Patrimônio Cultural (UFSM)
Júlio Ricardo Quevedo dos Santos
Doutor em História (UFSM)

RESUMO: O artigo aborda a influência do processo de produção de representações sociais na construção social do patrimônio cultural, analisando especificamente o caso do Memorial Coluna Prestes, localizado no município de Santo Ângelo – RS. Nesse sentido, se pesquisou em fontes primárias, principalmente periódicos de grande circulação, sobre representações sociais produzidas em relação ao Memorial Coluna Prestes, buscando verificar os interesses de grupos sociais com interpretações distintas em relação a este local de memória, identificando-o, ou não, como expressão do patrimônio cultural santo-angelense, realizando a construção social do Memorial e influenciando o imaginário coletivo da comunidade local.

PALAVRAS – CHAVE: Construção Social, Patrimônio Cultural, Representações.

ABSTRACT: The article discusses the influence of the production process of social representations in the social construction of cultural heritage, examining specifically the case of the Prestes Column Memorial, located in Santo Ângelo – RS. In this sense, they researched primary sources, especially large-circulation periodicals, social representations produced over the Memorial Prestes Column, verifying the interests of social groups with ambiguous interpretations in relation to this memory location, identifying him or not, as expression of the cultural heritage of saint-angelense, realizing the social construction of the Memorial and influencing the collective imagination of the local community.

KEYWORDS: Building Social, Cultural Heritage, Representations.

1. A construção social do patrimônio cultural.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amílcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Atualmente, os estudos referentes ao patrimônio cultural têm sido desenvolvidos principalmente no âmbito acadêmico, apesar de a área relacionada ao patrimônio ainda estar em fase de implantação em termos de cursos de graduação e pós-graduação no Brasil. Dessa forma, se fazem necessárias abordagens e estudos mais amplos sobre os diferentes aspectos relacionados ao patrimônio cultural, especialmente em relação aos significados atribuídos e os usos que se têm feito das diferentes expressões patrimoniais, além de verificar também, como esse patrimônio é representado por grupos sociais que nele têm algum tipo de interesse.

Entender que o patrimônio cultural é algo criado, representado e utilizado com alguma intenção pela sociedade é algo relevante. São esses aspectos que tornam o conceito de patrimônio cada vez mais abrangente e também suscetível a novas interpretações e definições. Assim, entendê-lo como construção social no universo da presente análise e no modo como ele tem se apresentado na atualidade é indispensável. Outro ponto importante é perceber como as diferentes expressões de patrimônio cultural são representadas, não apenas por cada indivíduo que os atribuem significados, mas especialmente por grupos sociais que possuem determinados interesses no bem patrimonial.

O conceito de patrimônio cultural já teve muitas interpretações, passou por inúmeras transformações e resignificações, tanto no âmbito legislativo, em Constituições e leis; acadêmico, em obras e pesquisas; e até mesmo no senso comum das sociedades nacional e internacional. Para que estas transformações ocorressem sempre foi necessário entender os diferentes usos que do patrimônio foram feitos, sua validade, relevância e importância para os grupos sociais, além da interpretação que estes mesmos grupos fizeram com relação às diferentes expressões do patrimônio cultural.

Toda essa evolução da concepção do que é patrimônio cultural faz parte de um processo de construção social do conceito e das mais variadas expressões patrimoniais que surgiram entre diferentes grupos sociais através de suas manifestações culturais. Esta evolução do que é, representa e como pode ser utilizado o patrimônio cultural da sociedade em suas múltiplas especificidades esteve vinculada e ainda vincula-se aos interesses momentâneos de grupos sociais e instituições que perceberam não apenas o valor cultural,

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

ideológico ou político do patrimônio, mas também o seu valor monetário. Dessa forma, Ana Meira afirma que:

Depende dos valores da sociedade, presentes em cada momento da sua trajetória, a definição do que vai se constituir em patrimônio cultural – compreendido como os elementos materiais e imateriais socialmente reconhecidos e que servem de referência ao seu desenvolvimento. A atribuição de valores está ligada ao universo da escolha e o reconhecimento de seus significados inscreve-se na dimensão simbólica do imaginário (MEIRA, 2004: 13).

De acordo com Funari e Pelegrini (2006: 11), o conceito de patrimônio surgiu no âmbito privado do direito de propriedade, ligado aos interesses da aristocracia e referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana. Nesse sentido, patrimônio significava status social e estava restrito a uma pequena parcela da população, privilegiada política e economicamente.

Na Idade Média a concepção de patrimônio foi sacralizada, estando associada a algo que se respeita. Somente a partir dos tempos modernos a palavra patrimônio teve o seu significado ampliado, passando a abarcar os bens e conjuntos de bens naturais e culturais de importância reconhecida para os grupos sociais, como forma de proteger e preservar o passado. Em função disso, Dias (2006: 69) destaca que o patrimônio passou a ser identificado com o passado histórico e seu valor artístico exaltado, principalmente pelos renascentistas.

Entretanto, durante os acontecimentos relacionados à Revolução Francesa, houve mudanças significativas em relação àquilo que se estabelecia como patrimônio. Warnier (2000: 99) acredita que a noção moderna de patrimônio foi articulada em um momento de confrontação entre práticas progressistas e individualistas por um lado, e a relação ancestral com a herança comum, por outro. Para o autor, a Revolução Francesa representa esse momento.

Não apenas pela criação de museus, mas pela valoração e uso político que do patrimônio se passou a fazer, a Revolução Francesa fez com que os bens de valores artísticos na concepção moderna de patrimônio fossem dotados de significados mais amplos

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

e capazes de serem utilizados pelo próprio Estado em suas pretensões de organização sociocultural da sociedade. De acordo com Reinaldo Dias:

Com a ascensão da burguesia ao poder em inúmeros países europeus e com o exemplo francês, houve um aumento significativo de museus por toda a Europa. As coleções privadas da aristocracia europeia passaram a ter uma importante função pública, ligada ao Estado. Os museus ganharam uma função política, de fortalecimento dos recém-criados Estados - Nação, para apresentar um valor simbólico significativo na construção da identidade nacional, que precisava ser fortalecida perante o antigo regime identificado com a Igreja e com a nobreza (DIAS, 2006: 70).

A partir das ideias do autor, pode-se verificar que o patrimônio foi construído socialmente de acordo com os interesses do Estado visando um novo tipo de construção, o da identidade nacional. Assim, não existe uma concepção de patrimônio estática, nem muito menos um conceito referente ao termo incapaz de ser modificado. Como se verifica, o próprio Estado se encarregou de assim o fazer, ampliando os significados do que é patrimônio e utilizando-os conforme seus interesses. Como nos diz Warnier (2000: 100 - 101), *“a noção moderna de patrimônio originou-se diretamente desta aventura europeia e, em toda a Europa, impôs políticas do patrimônio conduzidas por órgãos públicos”*.

A concepção de patrimônio como órgão público, nacional e estatal fez parte dos séculos XIX e XX como instrumento de formação e consolidação das identidades nacionais. Dias (2006: 70-71) observa que o patrimônio cultural passou a ser símbolo da unidade nacional, tendo como algumas de suas funções as de reforçar a noção de cidadania, tornar visível a entidade nação e ainda funcionar como documento.

Neste contexto, dinamizar o conceito de patrimônio e popularizá-lo se tornou uma das metas dos Estados interessados em concretizar o ideal de comunidade nacional. Canclini (2003: 162) destaca que: *“o patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus”*. A criação destas expressões patrimoniais citadas pelo autor foi intensificada e fez parte de um empreendimento institucional que visava monumentalizar um passado comum aos grupos sociais, cabendo aos museus o papel de depositários desse passado. De acordo com as

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amílcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

ideias de Funari e Pelegrini (2006: 15) *“o surgimento dos Estados Nacionais era o que faltava para desencadear uma transformação radical no conceito de patrimônio”*.

Também no século XIX e com reflexos até os dias de hoje, outro evento de grande importância social acrescentou novos significados ao conceito de patrimônio cultural construindo-o socialmente. A Revolução Industrial agregou à dimensão do patrimônio suas potencialidades econômicas. A própria expansão da criação de museus e monumentos fez com que as pessoas passassem a freqüentar estes locais como forma de presenciar as representações de um passado que acreditavam ser seu. Para alguns até poderia ser, para outros nem tanto.

A questão que se apresenta é que o turismo se desenvolveu e a relação entre ele e o patrimônio cultural se intensificou, novamente dando outras dimensões ao conceito do que seriam ou viriam a ser as expressões desse patrimônio. Dessa forma, multiplicaram-se elementos passíveis de serem considerados parte do patrimônio cultural dos grupos sociais e da sociedade. Para Ana Meira:

A ampliação desmesurada do que passou a ser considerado patrimônio (praticamente tudo), a fragmentação das ações de salvaguarda, o esvaziamento de sentidos e valores do patrimônio cultural arquitetônico e urbanístico (através das reconstruções, reciclagens, preservação de fachadas), são sinais que vêm sendo denunciados nos últimos anos. Esses fatos são particularmente graves quando afetam as dimensões imateriais do patrimônio cultural. Um dos fatores inserido nesse contexto é o turismo (MEIRA, 2004: 19).

O turismo tornou-se uma ferramenta de popularização do patrimônio cultural em suas múltiplas faces. Ao mesmo tempo, as expressões patrimoniais, não apenas os museus, mas também os monumentos, festas, celebrações, costumes e práticas culturais de diferentes grupos sociais, tornaram-se produtos turísticos. Assim, o patrimônio, seja ele natural, material ou imaterial passou a se constituir em grande recurso econômico para a sociedade, tendo o turismo como suporte e favorecendo o desenvolvimento das cidades.

Apesar disso, Funari e Pelegrini (2006: 50) alertam que se corre o risco de haver uma espécie de espetacularização do patrimônio cultural, transformando-o apenas em uma mercadoria, um produto a ser exposto aos interesses comerciais e especulativos do

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

capitalismo globalizado. Essa monetarização do patrimônio cultural acrescentou ao seu conceito novos significados que deram continuidade ao seu processo de construção social conforme interesses de grupos e instituições diversificadas.

Acredita-se que, embora haja riscos em se aproveitar o patrimônio cultural para o turismo, existe mais vantagens do que prejuízos, pois criam-se novas funções para os bens culturais, utilizando-os como forma de empreender o desenvolvimento sustentável. Eis aí, outra questão a ser destacada com relação à evolução do conceito de patrimônio cultural que o construiu socialmente. De acordo com as considerações de Dias (2006: 67), atualmente se têm a ideia de que os bens materiais e imateriais que constituem o patrimônio em diversas expressões correspondem ao legado de nossos antepassados e que em uma perspectiva de sustentabilidade deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, o que irá alterar os seus significados de acordo com novas interpretações destas manifestações do patrimônio condicionadas a realidade sociocultural que estará apresentada.

A partir do exposto, pode-se depreender que as expressões do patrimônio cultural vão assumindo através dos tempos novos significados conforme as mudanças sociais, econômicas, culturais, ou de outra ordem, da sociedade. Ou seja, estas expressões patrimoniais materiais e imateriais não são irreversíveis em seus significados e usos, elas variam, se transformam e assumem novas funções, ao mesmo tempo em que são reinterpretadas de maneiras distintas. Evidentemente, isto fez com que a dimensão do conceito de patrimônio cultural fosse ampliada, fazendo com que novas expressões fossem construídas socialmente.

Lemos (1981: 21) explica que o patrimônio cultural de uma sociedade, de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo alterações constantemente. Meira (2004: 15) afirma que *“como muda a sociedade e mudam os seus valores, o que é considerado patrimônio cultural se modifica, é construído e reconstruído permanentemente”*. Ambos os autores acreditam que o patrimônio cultural passa por transformações e tais transformações estão relacionadas não apenas a atribuição de significados e símbolos às expressões patrimoniais existentes, mas também aos usos que delas serão feitos de acordo com interesses de grupos sociais.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Os usos sociais do patrimônio também fazem parte do processo de construção social do conceito e das expressões patrimoniais que foram e são criadas. Esses usos promovem não apenas as expressões patrimoniais em si, mas, principalmente, os responsáveis por utilizá-las de acordo com seus interesses. Dias (2006: 76) coloca que o patrimônio, dessa forma, passa a possuir um valor de uso vinculado às suas dimensões e utilidades, sejam elas científico – culturais, simbólicas, políticas, sociais ou econômicas.

Através desses inúmeros usos que se fazem do patrimônio cultural é que ele permanece suscetível a novas mudanças em termos conceituais e de reconhecimento do que é ou pode vir a ser expressão patrimonial. Se analisarmos o que é passível de ser considerado patrimônio para cada pessoa, teremos uma infinidade de bens que essas pessoas julgam ser seu patrimônio, parte de sua cultura e do grupo social a qual pertencem. Entretanto, sabe-se que o que é patrimônio para uns nem sempre o é para outros, como observam e complementam Pedro Paulo Funari e Sandra de Cássia Pelegrini:

Inevitavelmente, essa diversidade leva a multiplicidade de pontos de vista, de interesses e de ações no mundo. Como diziam os latinos, cada cabeça, uma sentença. As opiniões, por sua vez, resultam da diversidade de interesses, dos benefícios que se espera obter. Foram ainda os romanos a cunhar uma expressão que explica bem essa diversidade de interesses: *cui bono*, quem se beneficia? Os interesses sociais de governantes e governados, de homens e mulheres, crianças e adultos, cristãos e muçulmanos nem sempre são convergentes. O que para uns é patrimônio, para outros não é. Além disso, os valores sociais mudam com o tempo. Por tudo isso, convém analisar como o patrimônio foi visto ao longo dos tempos e dos grupos sociais (FUNARI; PELEGRINI, 2006: 10).

Essa análise de como o patrimônio foi e é visto ao longo dos tempos pelos grupos sociais é fundamental para que se verifique e compreenda suas transformações, percebendo como se desenvolveu o processo de construção social do que é, pode ser ou será o patrimônio cultural. Dias (2006: 78) afirma que um patrimônio é essencialmente histórico, sofrendo os seus significados reinterpretações constantes em função de realidades socioculturais específicas do presente. Isso faz com que as manifestações ou bens patrimoniais sejam selecionados por apresentarem qualidades consideradas passíveis de preservação, enquanto outros são excluídos.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Nesse contexto, muitas expressões do patrimônio cultural, sejam elas materiais ou imateriais, são adequadas aos interesses de instituições e grupos sociais que percebem a importância social e cultural desses bens e, mais do que isso, sabem também de sua importância política e econômica. O passado desses bens é reinterpretado e, às vezes, até modificado pelos grupos e instituições com interesses específicos sobre ele. Obviamente, o bem patrimonial tem de estar em consonância com os objetivos daqueles que manifestam interesse em utilizá-lo e isso faz com que alguns bens sejam destacados em detrimento de outros. Arantes (1984: 09) destaca que o interesse pela “defesa do passado” está relacionado à construção do ambiente e isso faz com que exista uma intensa luta política em que grupos sociais diferentes disputam espaços e recursos naturais, além de concepções ou modos particulares de se apropriarem simbólica e economicamente desses espaços.

Lemos (1981: 30) complementa o exposto colocando que a sociedade está a sugerir fragmentações do grande patrimônio cultural em vários “patrimônios setoriais”, fazendo com que cada classe social, cada grupo econômico, cada meio, selecione elementos culturais de seu interesse. Assim, essas disputas ou interpretações distintas colocam em jogo o que é ou não patrimônio para uns e para outros, contribuindo para que o conceito de patrimônio cultural seja constantemente reconstruído e os bens que o compõem construídos socialmente. Segundo Reinaldo Dias:

O processo de qualificação de um bem patrimonial mobiliza vários atores, que representam grupos sociais, os quais manifestam, por ele, interesses diversos. Alguns buscam consolidar sua dominação política ou ideológica; nesse caso, tais bens podem até ser criados com esse fim. Outros buscam tão somente a afirmação de sua existência como cultura distinta e o fazem por meio do acúmulo de um capital simbólico, que tem o patrimônio cultural como um dos seus elementos mais significativos, por representar sua continuidade histórica, a fim de constituir um referencial que reforce sua identidade cultural (DIAS, 2006: 79).

As manifestações distintas em relação ao que é ou não patrimônio, estimuladas por grupos sociais com interpretações diferentes e que constroem e reconstróem o que é patrimônio cultural em suas múltiplas expressões materiais e imateriais, se fez presente no processo de criação do Memorial Coluna Prestes de Santo Ângelo. Grupos sociais com

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

opiniões diferentes em relação à história da Coluna Prestes e da trajetória de Luiz Carlos Prestes manifestaram-se em relação à criação de um Memorial que reunisse objetos, fotos e documentos da marcha revolucionária que teve na cidade de Santo Ângelo acontecimentos relevantes para a efetivação daquela que viria a ser uma das maiores marchas revolucionárias da história da humanidade.

Através da produção de representações sociais, esses grupos procuraram legitimar suas opiniões em relação à efetivação do projeto de criação do Memorial Coluna Prestes conforme suas convicções. Primeiro, construindo-o socialmente como expressão do patrimônio cultural santo-angelense e passível de ser preservado, e, segundo, como algo a ser desconsiderado em termos de patrimônio. Tais interpretações e manifestações distintas tiveram motivações específicas no que diz respeito a considerar ou não o Memorial como parte do patrimônio cultural da cidade.

Segundo Canclini (1999 apud Dias, 2006: 83 - 84), o patrimônio cultural deve ser analisado como um espaço, não apenas de unidade, mas também de disputas materiais e simbólicas entre classes, etnias e grupos sociais. Esse é um dos principais elementos que possibilita a constante construção e reconstrução do que é o patrimônio cultural da sociedade, visto que, esse patrimônio, em alguns casos, como na formação dos Estados Nacionais, foi idealizado para que fosse coletivo, mas na verdade não o é.

O patrimônio definitivamente não é coletivo, pois corresponde às especificidades de diferentes grupos sociais no tempo e no espaço da sociedade. Cada um desses grupos sociais possui os seus patrimônios, sejam eles reconhecidos coletivamente ou não. Mais do que isso, esses grupos sociais produzem, constroem novos patrimônios na medida em que suas identidades culturais passam por transformações, mudanças que acompanham a evolução política, econômica e tecnológica do mundo pós - moderno.

Nesse contexto, Llorenç Prats define o patrimônio cultural como uma construção social, pois:

Não existe na natureza, não é algo dado, nem sequer um fenômeno social universal, já que não se produz em todas as sociedades humanas nem em todos os períodos históricos; também significa, correlativamente, que é um artifício, idealizado por alguém (ou no decurso de algum processo coletivo), em lugar e

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

momento, para uns determinados fins, e implica, finalmente, que é ou pode ser historicamente mutável, de acordo com novos critérios ou interesses que determinem novos fins em novas circunstâncias (APUD DIAS, 2006: 82).

Tratadas as questões relacionadas aos diferentes modos de construção social do patrimônio cultural, abordaremos também alguns aspectos relacionados às representações sociais, entendidas aqui como forma de se construir socialmente o que é patrimônio cultural.

2. O papel das representações sociais na construção social do patrimônio.

Utilizamos a definição e o conceito de Roger Chartier¹ para o termo representações sociais, pois o autor (1988: 21) a define como a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente. Ou seja, no contexto da presente análise são representações produzidas acerca do Memorial Coluna Prestes no município de Santo Ângelo desde a década de 1990 e com base tanto na história da Coluna Prestes no município, quanto nas ações políticas de Luiz Carlos Prestes, principalmente frente ao Partido Comunista Brasileiro. A intenção é analisar estas representações buscando verificar se o Memorial Coluna Prestes foi construído ou desconstruído socialmente como elemento integrante do patrimônio cultural de Santo Ângelo, ao mesmo tempo evidenciando os grupos sociais que produziram as representações e quais os seus interesses.

Para melhor compreender os aspectos ligados às representações, recorre-se a História Cultural, pois esta aborda as relações entre os grupos sociais, relações essas que se utilizam das representações para se legitimarem. Assim, Chartier defende que a História Cultural:

[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para isso, busca perceber as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real (classes sociais, meios intelectuais

¹ Chartier discute a noção de representação em várias obras, dentre elas, o artigo “O mundo como representação”. Além disso, podem-se consultar outras, tais como: CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**. Vol. 7, n. 13. Rio de Janeiro, 1994.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

incorporados e partilhados por um determinado grupo social). As percepções sociais produzem estratégias e práticas que impõem, legitimam o poder e a dominação, as visões de mundo, dentro das lutas de representações, tão importantes quanto às lutas econômicas (CHARTIER, 1988: 17).

Pode-se perceber que existe uma relação direta entre a História Cultural e as representações, pois a segunda é objeto de estudo da primeira. Chartier (2002: 66) refere que: *“representar é fazer conhecer as coisas imediatamente pela ‘pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e pelos gestos’, por algumas figuras, por algumas marcas – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias”*.

Para o autor as representações sociais podem ser concebidas como algumas das respostas que as coletividades dão aos seus conflitos, divisões e opiniões manifestadas distintamente, constituindo uma força reguladora da vida cotidiana e coletiva, pois é no centro das representações e dos imaginários, que o problema da legitimação do poder e da afirmação dos grupos se encontra. Para Pommer (2009: 46), aqueles grupos que conseguem definir os canais de representação, inclusive a interpretação atribuída ao passado, também detém o poder de impor a visão e a divisão do mundo social que melhor lhes convém. Por isso, as representações sociais tornam-se produzidas através dos discursos, sejam eles orais ou escritos. Chartier acrescenta ainda que:

[...] a fusão entre as informações e valores faz com que as representações sociais se constituam numa força unificadora que suscita a adesão dos indivíduos a um sistema de valores, de práticas discursivas, intervindo nos processos de interiorização e, muitas vezes, levando-os a uma ação comum (CHARTIER, 1988: 67).

Notadamente, existe uma relação entre as representações sociais e o poder, ou melhor, os grupos que o detém ou querem detê-lo, de forma que, como afirmam Maria Helena Capelato e Eliana Dutra (2000: 229) *“o poder se dá representações, produz representações de linguagem e imagem”*. Atualmente, na Nova História política, já não se fala mais em poder, e sim em poderes. Falcon (1998: 75) nos diz que: *“este se revela nas mais diversas esferas e locais históricos como família, escola, asilos, prisões, hospitais etc.; em suma, no cotidiano de cada indivíduo ou grupo social”*. Dessa forma, o poder passa a ser

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amílcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

associado a diversas práticas discursivas fazendo-se representar não só pelo político, mas pelo imaginário social, pela memória coletiva, pelas mentalidades. Já as representações atuam no sentido legitimar o poder dos grupos quando estes conseguem fazer com que essas representações atuem no imaginário coletivo das sociedades por meio de seus discursos e símbolos. Dessa forma, conforme Capelato e Dutra, as representações possuem um duplo efeito:

Os dois efeitos da representação, seu duplo poder – a saber: o efeito de presença, que “em lugar da ausência e da morte” torna de novo e imaginariamente presente alguém ou qualquer coisa, e o efeito de sujeito, qual seja, o poder de instituir, autorizar e legitimar seu próprio sujeito de representação -, são responsáveis pela natureza compartilhada da representação e do poder (CAPELATO; DUTRA, 2000: 230).

No tocante a esta relação que se estabelece entre representação e poder, deve-se destacar o modo como ela se efetiva sobre o patrimônio. As relações de poder que existem na sociedade podem causar o embate de representações sociais produzidas por grupos distintos, tendo como “alvo” determinadas expressões do patrimônio cultural. Este foi o caso do Memorial Coluna Prestes de Santo Ângelo. As relações de poder entre grupos distintos se estabeleceram através de representações produzidas em periódicos de circulação regional que entendiam o Memorial como expressão do patrimônio cultural santo-angelense, e outras que o desconsideravam como tal. Neste sentido, as relações e os embates de poder entre estes grupos sociais com interpretações distintas acabaram manifestadas no Memorial Coluna Prestes, tendo como objetivo influenciar o restante da opinião pública. Sobre a questão do poder manifestada no patrimônio Choay destaca o seguinte:

Em outras palavras, o campo patrimonial na França e, sob denominações diversas, no mundo inteiro, é palco hoje de um combate desigual e incerto, no qual, porém, o poder dos indivíduos permanece grande e em que a ordem de um prefeito, de um inspetor de monumentos históricos, de um arquiteto ou de um administrador do patrimônio ainda pode mudar o destino de um monumento ou de uma cidade antiga (CHOAY, 2001: 212-213).

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Outro aspecto relevante é a relação entre o passado e o presente através das diferentes interpretações que os grupos fazem do passado a partir do presente. Neste caso, as representações produzidas por estes grupos estarão condicionadas a concepções, convicções e opiniões baseadas no tempo presente. Pommer (2009: 28) acredita que qualquer concepção de passado pode ser sugerida para dar autenticidade às ações desenvolvidas no presente, o que acaba sendo feito através da reificação da história do grupo. Principalmente no que diz respeito às ações políticas do passado, as representações serão produzidas no presente de acordo com a realidade que se apresenta no momento, baseada em interesses individuais ou coletivos. Pommer (2009: 28) coloca que: *“O passado se configura, conseqüentemente, a partir de limites representativos definidos pelas condições do presente, pelas condições das ações dos grupos humanos no seu tempo”*. Desta forma, Brum (2006: 15) destaca que o passado é revivido e posto em atuação por meio da produção de representações sobre ele, e acaba por colocar em evidência a definição de espaços e lugares sociais e a dinâmica da criação de imaginários e construção de identidades individuais e grupais.

As representações sociais ampliaram-se como objeto de estudo a partir da corrente historiográfica da Nova História, apesar de terem encontrado seus precursores ainda na Escola dos Annales. Baseados em uma abordagem das mentalidades, historiadores como March Bloch, buscaram grande contribuição da sociologia de Émile Durkheim, mais do que da psicologia, para ter acesso ao estudo do mental. Dosse (1992: 85) considera que: *“Lucien Febvre, que é muitas vezes apresentado como o iniciador da história das mentalidades, não será aquele que terá mais herdeiros”*. Conforme Jacques Le Goff e Pierre Nora:

O nível da história das mentalidades é aquele do cotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas, têm em comum. A história das mentalidades é para a história das idéias o que a história da cultura material é para a história econômica (LE GOFF; NORA, 1976: 71).

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Neste contexto, os estudos da mentalidade inserem-se em discussões com outras ciências humanas e situam-se em abordagens individuais e coletivas, que tratam não apenas dos protagonistas, mas também daqueles que são denominados marginalizados da História. Le Goff e Nora (1976: 73) ainda destacam que a mentalidade “*designa a coloração coletiva do psiquismo, a maneira particular de pensar e de sentir de um povo, de um certo grupo de pessoas etc*”. Dessa forma, apresentam-se como formas de pensar e de sentir a produção de representações sociais por parte dos grupos que integram as sociedades. Buscando abordar e compreender estas representações, tomando como pressuposto a História das mentalidades, os historiadores dos Annales e da Nova História passaram a privilegiar estes estudos, quebrando com um paradigma baseado em assuntos políticos e econômicos. De acordo com Roger Chartier:

Ao renunciar, de fato, à descrição da totalidade social e ao modelo braudeliano, que se tornou intimidador, os historiadores tentaram pensar os funcionamentos sociais fora de uma partição rigidamente hierarquizada das práticas e das temporalidades (econômicas, sociais, culturais, políticas) e sem que fosse dada primazia a um conjunto particular de determinações (fossem elas técnicas, econômicas, ou demográficas). Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nos meandros das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles (CHARTIER, 2002: 71).

Deve-se ressaltar que ainda existe a definição de representações sociais a partir dos estudos da psicologia social e da sociologia, entretanto, não é nossa proposta utilizar o conceito a partir de autores que escrevem nesta perspectiva, notadamente Serge Moscovici e Émile Durkheim. Dialoga-se e utiliza-se como principal referencia o conceito de representação social proposto por Roger Chartier por ser ele o que melhor se adapta a ideia de construção social do patrimônio cultural.

**3. As representações sociais acerca do Memorial Coluna Prestes que o
(des)constroem socialmente como patrimônio cultural.**

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

A cidade de Santo Ângelo, localizada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul possui um Memorial em homenagem a trajetória da Coluna Prestes², pois tal movimento rebelde que marcou a história brasileira teve articulações organizadas e lideradas por Luiz Carlos Prestes no município. Prestes foi um dos nomes de maior relevância na política brasileira do século XX. Não apenas foi um dos principais líderes da Coluna, como também se tornou uma das principais figuras representativas da política comunista brasileira.

Luiz Carlos Prestes enquanto jovem oficial do Exército participou ativamente das ações do Movimento Tenentista³ a partir de 1922 em oposição à situação política vigente no país e às eleições realizadas em março do mesmo ano que elegeram a presidência da república o representante da chamada política dos governadores⁴, Artur Bernardes.

Após a vitória de Artur Bernardes nas eleições de março de 1922 e sua posse definitiva estabelecida para novembro do mesmo ano, os jovens militares do Exército dissidentes do governo, passaram a acelerar seus preparativos visando à tentativa de

² Movimento político militar que percorreu o Brasil durante dois anos e três meses, entre 1924 e 1927, protestando contra os governos dos presidentes Artur Bernardes e posteriormente Washington Luis (PRESTES, 1995: 23).

³ “Ao iniciar-se a década de 20, a situação social e política tornara-se explosiva. Os governos ditatoriais de Epitácio Pessoa e, posteriormente, de Artur Bernardes – expressão dos interesses oligárquicos dominantes, representados pelo PRP e o PRM – não estavam dispostos a transigir com qualquer tipo de “agitação revolucionária” ou de movimento de contestação à ordem vigente. [...] os anos 20 seriam marcados por incontáveis pronunciamentos e levantes militares que, mais tarde, passariam à História sob a denominação de tenentismo, uma vez que os seus participantes eram, em sua maioria, tenentes ou capitães do Exército” (PRESTES, 1997: 69).

⁴ “Durante o governo do paulista Campos Sales (1898 – 1902), foi posta em prática a famosa ‘política dos governadores’, um pacto fundamentado na aceitação da hegemonia paulista em nível nacional em troca do reconhecimento da autonomia das oligarquias em âmbito local. Em outras palavras: a ‘política dos governadores’ significava que, por meio da fidelidade de suas bancadas no Congresso Nacional, os governadores dos estados davam apoio ao presidente da república e, em troca, este assumia o compromisso de ‘respeitar’ os resultados das eleições fraudulentas que garantiam a escolha dos governadores em seus respectivos estados” (PRESTES, 1995: 18).

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amílcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

impedir a posse do presidente eleito. Assim, foi organizado um levante⁵ dos tenentes contra o governo federal, o qual ficou conhecido como o primeiro 05 de julho, pois em mesma data dois anos depois novamente os tenentes iriam se rebelar contra o governo do então presidente Artur Bernardes.

Luiz Carlos Prestes foi identificado com uma das lideranças do movimento de 05 de julho de 1922 contra o governo do presidente Epitácio Pessoa, e transferido do Rio de Janeiro para o 1º Batalhão Ferroviário, quartel militar sediado na cidade de Santo Ângelo. Além de Luiz Carlos Prestes, outros oficiais do Exército que tiveram participação nos movimentos de 1922 ou simpatizavam com as ideias rebeldes, voltaram a manter contato no Rio Grande do Sul antes mesmo do início de nova revolta contra o governo eclodida em São Paulo em julho de 1924. Bindé (2006: 293) evidencia que: *“A conspiração acontecia desde janeiro de 1924, quando Prestes recebeu a visita do então tenente Juarez Távora, cuja reunião foi feita em uma casa perto do acampamento do Comandá”*.

Dessa forma, através de sua atuação política em Santo Ângelo, Luiz Carlos Prestes organizou a participação de soldados que serviam em seu batalhão no movimento revolucionário de 1924, vindo a tornar-se uma das principais lideranças dessa nova investida contra o governo federal. Prestes sublevou o batalhão de Santo Ângelo, juntou-se com outras lideranças e demais rebeldes ainda no Rio Grande do Sul e deslocou-se até o Paraná onde se encontravam tropas revolucionárias paulistas que haviam efetivado o movimento contra o presidente Artur Bernardes em São Paulo em 05 de julho de 1924. A partir da junção entre rebeldes gaúchos e paulistas, Luiz Carlos Prestes tornou-se uma das principais lideranças da marcha rebelde que percorreu o Brasil durante dois anos e três

⁵ “O levante de várias unidades militares sediadas no Rio de Janeiro, então capital da República, e em outros pontos do país estava marcado para o dia 5 de julho de 1922. Mas, devido à desorganização do movimento e às vacilações de muitos dos seus participantes, a maior parte da oficialidade comprometida com a conspiração acabou descumprindo a combinação feita com os seus camaradas” (PRESTES, 1995: 08).

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

meses protestando contra o governo federal⁶, vindo a se exilar na Bolívia em fevereiro de 1927.

A partir do ano de 1995, o então prefeito da cidade de Santo Ângelo, Adroaldo Loureiro, juntamente com uma equipe de colaboradores liderada pela, à época, coordenadora do Museu Municipal de Santo Ângelo, Gládis Pippi Tavares, passou a idealizar um Memorial em homenagem a Coluna Prestes no município. É a partir desse momento que começam a serem produzidas representações sociais de grupos que se manifestam a favor e contra o projeto, o que veio a se refletir em um processo de construção e desconstrução do Memorial Coluna Prestes como expressão do patrimônio cultural santo-angelense, principalmente em uma cidade em que as principais expressões de patrimônio cultural estavam e estão relacionadas ao passado missioneiro Jesuítico – Guarani⁷.

Houve representações distintas em relação ao projeto de implantação do Memorial em homenagem a Coluna Prestes, muito em função da resistência por parte de alguns grupos políticos locais em relação à figura e as ações políticas de Luiz Carlos Prestes. Tal contrariedade se expressou em visita realizada por Prestes a Santo Ângelo no ano de 1984 quando foi encaminhado a Câmara de Vereadores do município, pedido de concessão do título de Cidadão Honorário Santo-Angelense à Prestes, o qual foi negado. Sobre tal acontecido, José Carlos Sebe Bom Meihy e Glauber Cícero Biazo destacam que:

[...] a Câmara de Vereadores, durante a estadia de Prestes na cidade, havia lhe negado o título honorário de cidadania. Por um voto, informava uma notícia, a petição idealizada pela vereadora Denise Galeazzi e encaminhada, a seu pedido,

⁶ “Foi dado então o primeiro passo sobre o objetivo estratégico da luta: mantê-la com todos os recursos que possuíamos atraindo o maior número de forças do governo contra nós. Era, então, essa a nossa estratégia: atrair a força inimiga e marchar pelo interior do país levando a bandeira da insurreição contra o Governo Federal” (MEIHY; BIAZO, 2004: 46).

⁷ A redução de San Angel Custódio fez parte dos chamados Sete Povos das Missões, características do 2º ciclo missioneiro de reduções Jesuítico – Guarani implantadas na região do atual noroeste do Rio Grande do Sul. A cidade de Santo Ângelo, que se desenvolveu a partir dos remanescentes arquitetônicos da redução, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, caracteriza como principais atrativos turísticos e culturais as expressões de patrimônio material e imaterial vinculadas a história do período reducional.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

pelo vereador Adroaldo Mousquer Loureiro, não tinha conseguido aprovação, tendo recebido dez votos favoráveis, nove contrários e uma abstenção (MEIHY; BIAZO, 2004: 15).

Esse fato expressa o quanto existia em Santo Ângelo certa resistência em relação à figura política de Luiz Carlos Prestes, o que se refletiu de forma evidente na contrariedade de alguns grupos santo-angelenses em relação à implantação do Memorial Coluna Prestes. De acordo com depoimento do Prefeito de Santo Ângelo na época da idealização e efetivação do projeto do Memorial, Adroaldo Loureiro:

[...] embora a resistência a Prestes já esteja amenizada na cidade, não podemos esquecer que Santo Ângelo tem um foco de conservadorismo grande. Mesmo quando eu fui prefeito e criei o memorial e o monumento projetado por Oscar Niemayer, tive uma oposição muito grande [...].⁸

Apesar da ambiguidade de interpretações e representações sociais produzidas em relação ao Memorial Coluna Prestes, o mesmo foi inaugurado em dezembro de 1996, contando com a presença de autoridades municipais, estaduais e federais, além do filho de Luiz Carlos Prestes com Maria do Carmo Ribeiro, Luiz Carlos Prestes Filho e da própria Maria do Carmo. Sobre a inauguração do Memorial, a imprensa local noticiava:

[...] o filho do líder comunista, Luiz Carlos Prestes Filho, leu o manifesto que seu pai, Capitão Luiz Carlos Prestes, assinou em 28 de outubro de 1924 e que fora o primeiro documento político da sua vida. O Governador Britto enfatizou que o gaúcho é um povo motivado a construir o seu futuro e cultivar o seu passado, mas o Rio Grande do Sul somente será grande se tiver orgulho dos seus ancestrais.⁹

A partir da implantação do Memorial Coluna Prestes é que se desenvolveu o processo de produção de representações sociais que o construíram ou desconstruíram socialmente como expressão do patrimônio cultural do município de Santo Ângelo.

⁸ Arquivo de Entrevistas do Centro de Cultura Missioneira (CCM). - Depoimento oral concedido por Adroaldo Mousquer Loureiro à Claudete Boff e Dione Mello Lenz, em 06/11/1998.

⁹ *A Tribuna Regional*. Ano 30, nº 3575, Santo Ângelo, quarta-feira, 18 de Dezembro de 1996, p. 14.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Pesquisando principalmente em periódicos de grande circulação no município de Santo Ângelo é que constatamos a existência destas representações distintas.

Aqueles que se posicionaram a favor do Memorial produziram representações sociais que o caracterizavam como uma grande ferramenta para o desenvolvimento cultural e econômico do município de Santo Ângelo, pois seria capaz de rememorar a trajetória da Coluna Prestes na cidade e promover o desenvolvimento do turismo. Dessa forma, segue a seguinte representação:

Santo Ângelo demorou para acordar e marcar o seu nome nessa passagem histórica da vida nacional. Porém, em 1996, através da iniciativa arrojada do ex-prefeito Adroaldo Loureiro, foi inaugurado o Memorial da Coluna Prestes, com dois monumentos e um museu. [...] O Memorial não é somente um marco a respeito do fato de que a Coluna Prestes partiu de Santo Ângelo, mas também já se tornou um dos principais pontos turísticos da nossa cidade, provando o acerto de sua realização.¹⁰

Entretanto, com uma tomada de posição e representações produzidas desfavoráveis ao Memorial Coluna Prestes, principalmente tendo como base a atuação política de Luiz Carlos Prestes em sua trajetória frente ao PCB, a qual julgavam incompatível com suas ideologias e orientações políticas, outro grupo santo-angelense, aqui caracterizado pela ideia de um apenas um autor, produziu a seguinte representação:

Para vergonha e repúdio da nação, o nome de Luiz Carlos Prestes, covarde assassino e vendilhão de sua pátria, é dado a logradouros públicos, por indicação de autoridades executivas ou de políticos levianos e oportunistas, sem o menor sentimento de patriotismo. Certamente, desconhecem a verdadeira história ou esposam ainda filosofias sanguinárias e ditatoriais. Em nossa querida capital missioneira, usamos e veneramos o nome e a figura de Prestes, para fins turísticos, com o argumento de que quando iniciou a marcha, hoje denominada Coluna Prestes, este ainda não era militante do comunismo internacional e defendia ideais, digamos, mais patrióticos¹¹.

¹⁰ Editorial; *Jornal das Missões*, Santo Ângelo, 07 de janeiro de 1998, p. 02.

¹¹ MULLER, Érico. Coluna Recanto do Sabiá – Caderno Cultura. *A Tribuna Regional*, Santo Ângelo, 12 de dezembro de 2009, p. 06.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amílcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Dessa forma, percebe-se a influência que a ideologia política exerce sobre o modo com que os grupos reconhecem determinadas expressões do patrimônio cultural, levando-os a produzirem representações sobre estas expressões de acordo com suas interpretações e seus interesses, o que constrói e desconstrói determinadas expressões do patrimônio cultural.

Especialmente em eventos do passado que geram certa ambigüidade de concepções entre os grupos, como a Coluna Prestes, ou na discussão sobre a atuação política de Luiz Carlos Prestes, torna-se evidente o embate entre aqueles que aprovam a memorização desses acontecimentos e líderes, através da implantação de monumentos, museus ou memoriais; e aqueles que se opõem por não concordarem e não reconhecerem estes acontecimentos e líderes como passíveis de homenagens e manutenção da memória.

Em Santo Ângelo, quando se efetivava a criação do Memorial Coluna Prestes como uma nova expressão do patrimônio cultural do município, os grupos interessados em reconhecer o Memorial como patrimônio da cidade tiveram de se valer da produção de representações sociais como forma de legitimar seus interesses e o próprio Memorial. A disputa mostrou-se intensa, de acordo com o seguinte exposto:

Mais uma vez a oposição volta a tentar desmerecer projetos que visam o desenvolvimento de Santo Ângelo. Desta vez, um colunista critica avidamente a implantação do Memorial à Coluna Prestes em Santo Ângelo, caracterizando o Projeto de “homenagem ao comunismo”. Mal sabe o cidadão que o Memorial tem elevado o nome de Santo Ângelo à nível nacional, onde o município recebe manifestações de apoio ao Projeto.¹²

De acordo com as representações daqueles que se mostravam favoráveis ao Memorial, além de desmerecer o projeto de implantação do local, o grupo que se manifestava contra o projeto colocou em dúvida os recursos utilizados para a implantação do Memorial Coluna Prestes. Porém, não demorou para que a contra-resposta por parte dos idealizadores do projeto também ganhasse as páginas dos jornais. Exemplo disso encontra-

¹² Editorial; *Jornal das Missões*, Santo Ângelo, 25 de novembro de 1995, p. 02.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

se em artigo de autoria de Gládis Pippi Tavares envolvida com a criação do Memorial, publicado no periódico *Jornal das Missões*. De acordo com ela:

[...] Felizmente acabaram-se os negros anos em que a nossa história era enterrada e pisoteada por mentalidades que não compreendiam que, a exemplo de países mais desenvolvidos, a necessidade cultural de um povo caminha lado a lado com outras necessidades básicas, porém, para quem se empenhou de corpo e alma para que o Memorial fosse implantado, dói ouvir (ler) verdadeiras aberrações que algumas pessoas, de forma deturpada tentam passar para a população, e não por acaso são os mesmos herdeiros políticos daqueles mesmos anos de censura e pobreza cultural.¹³

Neste contexto, percebe-se que os opositores do projeto na sociedade santo-angelense produziram representações sociais contra a implantação do Memorial Coluna Prestes em 1996, novamente baseados na atuação política de Luiz Carlos Prestes no PCB. Sobre a dúvida com relação aos recursos do empreendimento, colocadas em questão por este grupo, a autora do artigo rebate, afirmando o seguinte:

A verdade (e isto pode ser comprovado) é que o Memorial, como um todo, teve um custo real de R\$ 77.190,88, dos quais R\$ 60.000,00 foram doados pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, divididos em duas partes, R\$ 30.000,00 para o Monumento (que teve um custo real de R\$ 44.500,00) e o restante para o Museu do Memorial, já que a outra obra escultórica foi doado pela FUNDIMISA, restando R\$ 17.190,88 para a prefeitura.¹⁴

Com base no exposto, verifica-se o embate entre grupos do município de Santo Ângelo interessados em representar o Memorial Coluna Prestes, ora como uma ferramenta de desenvolvimento cultural e econômico para a cidade e região, sendo relevante o seu reconhecimento como elemento integrante do patrimônio cultural local e, ora como uma homenagem ao comunismo, nesse caso, com uma conotação pejorativa e contra o local. Em ambas as posições, pode-se inferir e verificar o modo como as representações sociais

¹³ TAVARES, Gládis Pippi. Memorial coluna Prestes: a realidade. Coluna Opinião - *Jornal das Missões*, Santo Ângelo, 03 de maio de 1997, p. 08.

¹⁴ Ibid.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amílcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

influenciam o processo de construção social do patrimônio cultural, pois é a partir destas representações que novas interpretações e o próprio modo como determinadas expressões de patrimônio são reconhecidas e se constroem socialmente. De acordo com Marly Rodrigues:

[...] o patrimônio passou a constituir uma coleção simbólica unificadora, que procurava dar base cultural idêntica a todos, embora os grupos sociais e étnicos presentes em um mesmo território fossem diversos. O patrimônio passou a ser, assim, uma construção social de extrema importância política (RODRIGUES, 2002: 16).

No tocante às ideologias dos diferentes grupos que compõem a sociedade, se percebe a clara disputa entre modelos que são colocados a disposição da comunidade local através da produção de representações sociais, as quais têm o objetivo de atuar e povoar o imaginário da população, tendo em vista agregar novos adeptos dos modelos propostos. Também em relação às expressões do patrimônio cultural, torna-se relevante ratificar a importância e a legitimidade de determinados bens para que a comunidade onde ele está inserido acabe reconhecendo esta expressão como elemento integrante do patrimônio cultural, pois, às vezes, o que parece patrimônio para uns, para outros pode não ter esse significado.

Considerações finais.

Tendo em vista o exposto, se verifica que alguns dos elementos que constituem o patrimônio cultural podem ser considerados representações simbólicas construídas a partir de interesses sociais. Entretanto, cada elemento patrimonial pode assumir um significado diferente para os grupos integrantes da sociedade, os quais se identificam, ou não, com os objetos ou bens culturais que representam eventos do passado no presente. Por consequência, Dias (2006: 91) afirma que *“há uma tendência, cada vez mais acentuada, de considerar o patrimônio como uma construção social, ou seja, como algo dinâmico, enraizado no presente, a partir do qual se reconstrói, seleciona e interpreta o passado”*.

Neste contexto, o patrimônio cultural pode ser construído socialmente a partir da produção de representações sociais produzidas por diferentes grupos com o intuito de

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

influenciar demais grupos sociais que compõem a sociedade. Estas representações também são produzidas com base em interesses, sejam eles políticos ou econômicos.

No caso do Memorial Coluna Prestes de Santo Ângelo, foram produzidas representações com base na história da Coluna Prestes no município e na trajetória política de Luiz Carlos Prestes. Assim, os grupos interessados no uso político, econômico e cultural do Memorial produziram representações a favor, caracterizando este local de memória como elemento integrante do patrimônio cultural santo-angelense. Já os opositores do Memorial Coluna Prestes, baseados em ideologias políticas distintas daquela seguida por Luiz Carlos Prestes em sua trajetória política, notadamente em sua militância frente ao PCB, produziram representações contra o Memorial, não o reconhecendo como elemento integrante do patrimônio cultural do município de Santo Ângelo. Assim, houve a construção e a desconstrução social do Memorial Coluna Prestes enquanto expressão do patrimônio cultural.

Dessa forma, pode-se verificar a importância que as representações sociais têm para que diferentes expressões do patrimônio cultural sejam reconhecidas pelas sociedades em que estão inseridas. Estas representações constroem uma imagem sobre os bens materiais e imateriais que constituem o patrimônio cultural, influenciando consideravelmente a opinião pública. Com isso, os grupos que definem o modo como as expressões do patrimônio serão representadas possuem a capacidade de construir socialmente estas expressões de acordo com seus interesses. Com o Memorial Coluna Prestes de Santo Ângelo, isso não foi diferente.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto (org). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BINDÉ, Wilmar Campos. **Santo Ângelo: terra de muitas histórias**. Santo Ângelo: Multicor, 2006.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

BRUM, Ceres Karan. **Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1988.

_____, Roger. O mundo como representação. In: **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio** - Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DOSSE, François. **A história em migalhas – dos annales à nova história**. 3 ed. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. – Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1992.

FALCON, Francisco. **História e poder**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Tradução de Terezinha Marinho. – Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BIAZO, Glauber Cícero Ferreira. **O retorno de Luiz Carlos Prestes a Santo Ângelo**. Santo Ângelo: Ediuri, 2002.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DO
PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – por Amilcar
Guildolim Vitor e Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

MEIRA, Ana Lúcia. **O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes: uma epopéia brasileira**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1995.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2000.

A Tribuna Regional. Ano 30, nº 3575, Santo Ângelo, quarta-feira, 18 de Dezembro de 1996, p. 14. Editorial; *Jornal das Missões*, Santo Ângelo, 07 de janeiro de 1998, p. 02.

MULLER, Érico. Coluna Recanto do Sabiá – Caderno Cultura. *A Tribuna Regional*, Santo Ângelo, 12 de dezembro de 2009, p. 06.

Editorial; *Jornal das Missões*, Santo Ângelo, 25 de novembro de 1995, p. 02.

TAVARES, Gládis Pippi. Memorial coluna Prestes: a realidade. Coluna Opinião - *Jornal das Missões*, Santo Ângelo, 03 de maio de 1997, p. 08.

Arquivo de Entrevistas do Centro de Cultura Missioneira (CCM). - Depoimento oral concedido por Adroaldo Mousquer Loureiro à Claudete Boff e Dione Mello Lenz, em 06/11/1998.

Recebido em 29 de agosto de 2011

Aprovado em 12 de dezembro de 2011